

Acerca do *desterro*: António Nobre, Mário de Sá-Carneiro e Guilherme de Faria. Teias contextuais, intertextuais e intratextuais [1890-1930].

INTRODUÇÃO [*post-scriptum*]

Em Roma¹: «Dying

Is an art, like everything else.

I do it exceptionally well.»² [Sylvia Plath]

Num espaço escondido no emaranhado de ruas antigas de Roma³, com a recente edição da antologia da poesia de Guilherme de Faria⁴ diante de mim, lembrei-me de um apontamento de José Gomes Ferreira no seu diário, no dia 9 de junho de 1968: «A leitura de *Saudade Minha* sugeriu-me uma ideia para tratar um dia: o tema do *desterro* na literatura. [...] Sim, o *desterro* de nós todos. O de ontem e o de agora. E assim esqueci por momentos que faço hoje 68 anos. E diante de mim o caminho pedregoso para o Silêncio.»⁵

No dia 4 de janeiro de 2014 [no contexto do Colóquio *Post-scriptum*, sobre a vida e a obra de Guilherme de Faria, no Centro Regional do Porto da Universidade Católica], apresentei esta reflexão sobre as teias contextuais, intertextuais e intratextuais que entretecem as vidas e as poéticas de António Nobre, Mário de Sá-Carneiro e Guilherme de Faria. Apareceram Fernando Pessoa, José Antonio Ramos Sucre e muitos outros poetas, num documento sem pretensões académicas, que nasceu em cafés de Paris, que passou pelo Martinho da Arcada e pela Brasileira do Chiado, em Lisboa, e que amadureceu no silêncio da minha biblioteca, onde os livros poliram as memórias.

Com efeito, este documento é fundamentalmente um exercício de memória; não queria que perdesse a intuição [enquanto pressentimento da verdade], nem a autenticidade que os cafés e as páginas do meu *moleskine* lhe possibilitaram, em meados de dezembro de 2013.

Hoje, em Roma, sinto-me em trânsito, de passagem... com um vago sentimento de *desterro*, de diáspora; com a consciência do modo como o tempo e as distâncias se vão impondo e sedimentando até sermos apenas memória esmaecida, pretérita, tempo que passou, distância consumada.

Sim, seria interessante tratar o tema do *desterro* na literatura. Mas não é esse o objectivo desta reflexão, embora talvez seja o *desterro* a sua verdade íntima: o *desterro* destes poetas no emaranhado das teias que os enredam, no emaranhado das teias que nos entretecem.

¹ Café Coromandel, sábado, 11 de janeiro de 2014.

² Sylvia Plath, *Ariel*, [tradução de Maria Fernanda Borges], Lisboa, Relógio d'Água, 1996, p. 25 [«Morrer/ É uma arte, como outra coisa qualquer/ E eu executo-a excepcionalmente bem.»].

³ ... na Via di Monte Giordano, 60/61.

⁴ Guilherme de Faria, *O Livro de Guilherme de Faria I. Saudade Minha [poesias escolhidas]*, Maia, Cosmorama Edições, 2013.

⁵ José Gomes Ferreira, *Dias Comuns V. Continuação do Sol*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2010, pp. 30-31.

Em Paris⁶: «L'homme qui, à force de se concentrer, disparaîtrait de la vie – exilé dans son monde intérieur...»⁷ [Mário de Sá-Carneiro]

1. No dia 10 de janeiro de 1890, em Coimbra, com apenas vinte anos, Eugénio de Castro apresenta [em quatro páginas] o seu *Oaristos* como arauto do Simbolismo num contexto literário em que, segundo ele: «Com duas ou três luminosas excepções, a Poesia portuguesa contemporânea assenta sobre algumas dezenas de coçados e esmaiados *lugares comuns*.»⁸

No dia seguinte, o embaixador de Inglaterra em Lisboa entrega ao ministro dos Negócios Estrangeiros português o Ultimato, exigindo que Portugal ordenasse imediatamente a retirada de uma expedição militar que atacara alguns indígenas protegidos pelos ingleses na África Oriental, no Chire [actual Malawi]. O Governo português cedeu, apesar de ter protestado e argumentado que o território africano em que o confronto se dera pertencia a Portugal. Na noite desse dia 11 de janeiro, um milhar de pessoas percorreu as ruas de Lisboa e apedrejou as janelas da casa do ministro dos Negócios Estrangeiros. O governo demitiu-se. No Porto, a resistência ao Ultimato significou a consagração cívica de Antero de Quental. Eleito presidente da Liga Patriótica do Norte, Antero passaria algumas noites a ver desfilar cortejos com archotes diante da casa onde estava hospedado. Ao contrário do que se passava em muitos países, onde o herói nacional era geralmente um chefe militar, em Portugal, no centro do culto patriótico estava também um escritor.

Em Lisboa, por esses dias, Águeda Maria Peres Murinello [então com vinte anos] está grávida de Mário de Sá-Carneiro, que nascerá no dia 5 de maio de 1890. Em Cumaná [na Venezuela, junto ao Mar das Caraíbas], Rita Sucre Mora de Ramos [então também com vinte anos] está grávida de José Antonio Ramos Sucre, que nascerá no dia 9 de junho desse mesmo ano de 1890, oito dias depois de Camilo Castelo Branco ter posto fim à sua vida em São Miguel de Seide [Famalicão]⁹.

A Torre Eiffel não tinha ainda dois anos quando, no dia 26 de outubro de 1890, António Nobre chega a Paris e instala-se no n.º 2 da Rue Racine. Esta reflexão nasce muito perto dessa e das outras moradas que António Nobre teve em Paris¹⁰, no Café de la Nouvelle Mairie¹¹, num fim de tarde frio de dezembro.

Há pouco, descendo de Montmartre para a Opéra, passei pela Rue de Trévis. Lembrei-me de um encontro em 1891, no edifício da esquina das ruas de Trévis e Richer. Sampaio Bruno tinha chegado a Paris, exilado da fracassada revolta republicana de 31 de Janeiro de 1891, no Porto. Lêem-se estas palavras de Sampaio Bruno no prefácio de *Despedidas*¹² [livro póstumo de António Nobre]: «Na escura rua de Trévis me procurou, abandonando por horas a sua preferida margem esquerda, de que lhe era tão penoso afastar-se, António Nobre, uma tarde em que eu sofria cruelmente. Esta visita sensibilizou-me; como me encantou a conversação do poeta, pelo tom subtil da melindrosa reserva na consolação, a um tempo caridosa e primorosa, d'um'alma em carne viva, como a minha por então andava.»

⁶ Café de la Nouvelle Mairie, sexta-feira, 13 de dezembro de 2013.

⁷ Mário de Sá-Carneiro, *La Confession de Lúcio*, [tradução de Dominique Touati], Paris, La Différence, 2000, p. 61; *A Confissão de Lúcio*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004, p. 50 [«Um homem que, à força de se concentrar, desaparecesse da vida – imigrado no seu mundo interior»].

⁸ Eugénio de Castro, *Oaristos*, Coimbra, Livraria Portuguesa e Estrangeira, 1890, p. V. Para Eugénio de Castro, entre outras inovações, *Oaristos* é o primeiro livro «que em Portugal aparece defendendo a liberdade do Ritmo contra os dogmáticos e estultos decretos dos velhos prosodistas» [p. VII].

⁹ Ainda em 1890, Alfredo Keil compõe *A Portuguesa* e Guerra Junqueiro publica *Finis Patriae*.

¹⁰ Depois de se ter instalado no n.º 2 da Rue Racine, no dia 26 de outubro de 1890, António Nobre muda-se [no dia 1 de dezembro] para o n.º 12 da Rue de la Sorbonne. No dia 28 de fevereiro de 1891 muda-se novamente, desta vez para o n.º 41 da Rua de Écoles e, no dia 1 de novembro do mesmo ano, instala-se no Boulevard St. Michel. Em 1892 vive no n.º 21 da Rue Valette. Entre novembro de 1893 e janeiro de 1895 [quando regressa definitivamente a Portugal], vive novamente na Rue de la Sorbonne [n.º 18], dois dias na Rue de Cryar [n.º 16] e, finalmente, na Rue des Écoles [n.º 41].

¹¹ Na Rue des Fossés Saint-Jacques [n.º 19], Paris.

¹² António Nobre, *Despedidas (1895-1899)* [Prefácio de José Pereira de Sampaio (*Bruno*)], Porto, 1902 [«Acabou de se imprimir este livro aos dezoito do março de 1902, segundo aniversário da morte do Poeta»].

António Nobre, nessa tarde de 1891, abandona o [seu] Quartier Latin e visita Sampaio Bruno, no Quartier du Faubourg-Montmartre, num desses quartos para exilados, onde a solidão é tantas vezes irredimível e são raros os milagres. Na Rue de Trévise encontraram-se dois dos mais importantes intelectuais portugueses do século XIX: o filósofo e o poeta¹³. Por um instante, *o spleen de Paris* foi mais português do que nunca.

Por esses dias, Antero suicida-se em Ponta Delgada [no dia 11 de setembro], sob a *Âncora da Esperança*, [em outubro, segundo Fernando Pessoa, Álvaro de Campos nasce em Tavira,] e Rimbaud morre no Hôpital de la Conception, em Marselha [no dia 10 de novembro]. Baudelaire já *dormia* no Cemitério de Montparnasse desde 1867 [ano em que nasceram Raul Brandão¹⁴, António Nobre¹⁵ e Camilo Pessanha¹⁶] e seria preciso esperar 25 anos para que Mário de Sá-Carneiro pusesse fim à sua vida no Hotel de Nice, em Montmartre, no dia 26 de abril de 1916.

Talvez não seja importante, mas [para mim] o encontro entre Sampaio Bruno e António Nobre, na escura rua de Trévise, em Paris, é um daqueles momentos muito raros, com uma beleza secreta, escondida, desadornada. As palavras de Sampaio Bruno são como uma melopeia, guardam essa tristeza remidora que reconhecemos naquelas «canções que/ as mães dedicam aos filhos doentes»¹⁷ [como se lê num poema de José Tolentino Mendonça].

Durante esses anos em Paris, António Nobre perde o irmão Júlio [em 1892] e o pai [José Pereira Nobre, no ano seguinte], regressa algumas vezes a Portugal, aparecem os primeiros sintomas de tuberculose, surgem dificuldades económicas e licencia-se em Direito na Sorbonne [no princípio de 1895]. No dia 21 de abril de 1892, o livreiro Léon Vanier [editor de Mallarmé, Verlaine e Rimbaud] publica o *Só*, livro que, quando o folheamos e lemos no Quartier Latin, nos dói como nenhuma ausência [ou perda] até então nos tivesse assim dóido.

Oito anos depois da edição do *Só*, António Nobre morre no Porto, vítima de tuberculose ou dessa enfermidade que não é bem tristeza, nem é só saudade e que tem a ver com o facto de certos poetas serem [ainda] aqueles seres humanos que existem mais desapaixonadamente, porque por instantes conheceram uma beleza incontida e inefável [um milagre...], e parece-lhes trágico ter de suportar o resto da vida.

Fernando Pessoa, num parágrafo comovente, evoca assim António Nobre: «Quando ele nasceu, nascemos todos nós. A tristeza que cada um de nós traz consigo, mesmo no sentido da sua alegria, é ele ainda, e a vida dele, nunca perfeitamente real nem com certeza vivida, é, afinal, a súplica da vida que vivemos – órfãos de pai e mãe, perdidos de Deus no meio da floresta, e chorando, chorando inutilmente, sem outra consolação do que essa, infantil, de sabermos que é inutilmente que choramos.»¹⁸

¹³ Outros encontros entre Sampaio Bruno e António Nobre, em Paris, são documentados em Joel Serrão, *Sampaio Bruno: o Homem e o Pensamento*, Livros Horizonte, 1986, pp. 38-39, 42, 188-189.

¹⁴ Na Foz do Douro, no dia 12 de março; morreu em Lisboa no dia 05 de dezembro de 1930.

¹⁵ No Porto, no dia 16 de agosto; morreu no dia 18 de março de 1900, na Foz do Douro.

¹⁶ Em Coimbra, no dia 07 de setembro; morreu em Macau, no dia 01 de março de 1926.

¹⁷ José Tolentino Mendonça, *Longe não sabia*, Lisboa, Editorial Presença, 1997, p. 15.

¹⁸ Fernando Pessoa, «Para memória de António Nobre», in *A Galera*, 1.º Ano, n.º 5 e 6 [25 de fevereiro de 1915], p. 35.

Ainda em Paris¹⁹: «Le jour tombe. Un grand apaisement se fait dans les pauvres esprits fatigués du labeur de la journée; te leurs pensées prennent maintenant les couleurs tendres et indécises du crépuscule.»²⁰
[Baudelaire]

2. Quando Fernando Pessoa escreve estas Palavras, em 1915, Guilherme de Faria tem apenas sete anos e vive ainda em Guimarães; Mário de Sá-Carneiro publica *Céu em Fogo* [com uma belíssima capa de José Pacheco²¹] e regressa a Paris [em julho]; nesse mesmo ano são publicados os dois números da revista *Orpheu* [em março e junho], *Arte de ser português* [de Teixeira de Pascoaes], *Ausente* [de Mário Beirão] e *A Epopeia da Planície* [de António Sardinha].

Em 1914, ano em que Pascoaes publica *Verbo Escuro* e *A Era Lusíada*, encontramos o primeiro poema datado de Alberto Caeiro [março], a «Ode Triunfal» de Álvaro de Campos e as primeiras odes datadas de Ricardo Reis [junho]; em setembro, Fernando Pessoa escreve ao poeta açoriano Armando Côrtes-Rodrigues: «O meu estado de espírito obriga-me agora a trabalhar bastante, sem querer, no *Livro do Desassossego*. Mas tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos.»²² Mário de Sá-Carneiro publica *A Confissão de Lúcio*²³ e *Dispersão*²⁴.

Guilherme de Faria chega a Lisboa no outono de 1919, com apenas 12 anos. Na década seguinte publicaria sete livros de poesia, tendo o último [*Desencanto*] sido publicado no dia 4 de fevereiro de 1929, exactamente um mês após o suicídio do poeta. Em julho de 1929 é publicada a antologia *Saudade Minha (poesias escolhidas)*, o «livro definitivo» de um poeta que se integrou na estética neo-romântica lusitanista, assumida numa poesia que se encaminha da influência de poetas como Antero de Quental e António Nobre [sem esquecer João de Deus, Gomes Leal, Cesário Verde, Camilo Pessanha, Eugénio de Castro, José Duro e João Lúcio]²⁵, em contexto romântico-simbolista, para uma poesia de inspiração quinhentista, sobretudo a partir de 1926²⁶, próxima dos universos poéticos de Afonso Lopes Vieira, António Correia d'Oliveira e José Bruges d'Oliveira.

Durante os [quase] dez anos que viveu no n.º 11 da Rua da Horta Seca [junto ao Largo de Camões, entre o Chiado e o Bairro Alto], Guilherme de Faria reúne mais de novecentos livros na sua biblioteca pessoal; doutrina-se no Integralismo Lusitano [próximo de Alfredo Pimenta e Luís de Almeida Braga²⁷]; frequenta o *séquito* de Teixeira de Pascoaes²⁸ n'A Brasileira do Chiado²⁹, no qual contacta com Raul Brandão e Mário Beirão, entre outros, e no qual introduz Anrique Paço d'Arcos; oferece os seus livros a poetas como Guerra Junqueiro e Fernando Pessoa; conhece Jaime Cortesão e Raul Proença; relaciona-se com mais ou menos intimidade com Fausto Guedes Teixeira, Afonso Lopes Vieira, António Correia d'Oliveira, Raul Leal, Almada Negreiros, Mário Saa, António Botto, António Pedro,

¹⁹ Le Progrès [na esquina da Rue Yvonne le Tac e da Rue des Trois Frères], sábado, 14 de dezembro de 2013.

²⁰ Charles Baudelaire, *Le Spleen de Paris*, Paris, Folio [Editions Gallimard], 2010, p. 70; *O Spleen de Paris* [tradução de António Pinheiro Guimarães], Lisboa, Relógio d'Água, 1991, 2004, p. 65: «O dia cai. Uma grande quietação se estabelece nas pobres almas fatigadas pelos labores do dia; e os seus pensamentos tomam agora as cores macias e indecises do crepúsculo».

²¹ José Pacheco [1885-1934] foi também o autor das capas de *Dispersão* [de Mário de Sá-Carneiro] e do n.º 1 da revista *Orpheu*.

²² Apud Richard Zenith, «Prefácio», in Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2013, p. 14. Em 1913, Fernando Pessoa publica n'A *Águia* um texto: «Na floresta do alheamento», do *Livro do Desassossego*, em preparação [A *Águia*, n.º 20, agosto de 1913, pp. 38-42].

²³ Apesar de ter impresso o ano de 1914 na capa e no frontispício, *A Confissão de Lúcio* foi escrito entre 1 e 27 de setembro de 1913 e ficou impresso [na Tipografia do Comércio] no dia 1 de novembro desse ano.

²⁴ O mesmo acontece com *Dispersão*: impresso o ano de 1914 no frontispício, o livro foi composto e impresso na Tipografia do Comércio em 1913, enquanto a capa [também de 1913] foi fotografada e impressa nas Oficinas da «Ilustração Portuguesa».

²⁵ Cf. José Rui Teixeira, *Vida e Obra de Guilherme de Faria. Os versos de luz por escrever*, Maia, Cosmorama Edições, 2013, pp. 178-194.

²⁶ ... ano da morte de Camilo Pessanha, dez anos depois do suicídio de Mário de Sá-Carneiro

²⁷ Importa referir que é Luís de Almeida Braga [1886-1970] que pela primeira vez enuncia [anuncia] a expressão «Integralismo Lusitano», no n.º 2 da revista *Alma Portuguesa* [setembro de 1913, pp. 53-54], publicada em Lovaina.

²⁸ Guilherme de Faria [com apenas 17 anos] editou quatro livros de Teixeira de Pascoaes: *Elegia do Amor* [1924], *Sonetos* [1925], *Londres* [1925] e *D. Carlos* [1925].

²⁹ No histórico café, na mesa do fundo, sentavam-se Teixeira de Pascoaes, Vitoriano Braga e Gualdino Gomes; «apareciam sempre, à tarde, Raul Brandão, João Correia d'Oliveira, Francisco Lage, Alfredo Cortês, Mário Beirão» [Joaquim Paço d'Arcos, «Destino e Obra do Poeta Guilherme de Faria», in *Pedras à Beira da Estrada* (vol. II), Lisboa, Guimarães Editores, 1971, p. 334.

entre tantos outros. É verdadeiramente impressionante que alguém que se tenha suicidado com apenas 21 anos, tenha conseguido estabelecer uma teia de contactos com uma parte significativa da *intelligentsia* portuguesa do seu tempo.

Em Lisboa³⁰: «Não desembarcar não tem cais onde se desembarque. Nunca chegar implica não chegar nunca.»³¹ [Fernando Pessoa]

3. Há dois livros de Guilherme de Faria na biblioteca de Fernando Pessoa: *Poemas e Mais Poemas*, ambos assinados e dedicados. Lê-se no exemplar de *Poemas*: «Ao senhor Fernando Pessoa, homenagem de Guilherme de Faria»; o mesmo no exemplar de *Mais Poemas* que, além disso, tem a data de 6 de outubro de 1923³². Os livros foram oferecidos a Fernando Pessoa no dia em que Guilherme celebrou dezasseis anos. Efectivamente, não sei se chegaram a conhecer-se, nem quem os apresentou ou se os livros constituem apenas uma oferta de circunstância, como de certo modo as dedicatórias parecem indicar.

Anrique Paço d'Arcos recorda-se de ter visto Fernando Pessoa quando entrou no Martinho da Arcada na companhia de Guilherme de Faria: «Nessa minha fugaz incursão nos meios literários uma falha se verificou de que hoje guardo verdadeiro desgosto: não ter conhecido Fernando Pessoa. Lembro-me vagamente de o ter visto uma vez a uma mesa do Martinho da Arcada, quando ali entrei com o Guilherme para este comprar cigarros. Mas então nem literariamente o conhecia ainda, e para sempre o perdi.»³³

Com efeito, se os dois poetas se conhecessem, ter-se-iam certamente cumprimentado e Guilherme de Faria teria apresentado Anrique Paço d'Arcos a Fernando Pessoa. Porém, é possível que este episódio tenha sido anterior a outubro de 1923.

Por outro lado, no catálogo da biblioteca de Guilherme de Faria, há apenas uma referência a Fernando Pessoa, à edição de 1921 da sua tradução de *A Voz do Silêncio*, de Helena Blavatsky³⁴. Não encontrei outra referência a Fernando Pessoa entre os documentos de Guilherme de Faria que foi possível reunir, mas sei que havia pelo menos uma carta de Pessoa no espólio da casa da Rua da Horta Seca. Seria uma carta de circunstância a agradecer a oferta dos livros? Só o saberemos se um dia o documento for [re]encontrado.

³⁰ No Martinho da Arcada [no n.º 3 da Praça do Comércio], sexta-feira, 27 de dezembro de 2013.

³¹ Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*, p. 442.

³² Cf. Manuela Nogueira, *Fernando Pessoa: imagens de uma vida*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005, p. 132.

³³ *Id.*, «Voz nua e descoberta», p. 264.

³⁴ Helena Blavatsky nasceu na Ucrânia em 1831. Tendo-se interessado pelo ocultismo, viajou pela Europa, Estados Unidos, Índia e Tibete. Em Nova Iorque, conheceu H. S. Olcott, com quem fundou a Sociedade Teosófica [1875]. Morreu em Londres, em 1891.

Seja como for, Guilherme de Faria relacionou-se e correspondeu-se com inúmeros amigos de Fernando Pessoa, como é o caso de Raul Leal³⁵, Vitoriano Braga³⁶, Almada Negreiros³⁷ [que retractou Guilherme de Faria em fevereiro de 1927³⁸], Mário Saa³⁹ e António Botto⁴⁰.

Mas o aspecto mais intrigante desta relação prende-se com uma descoberta que Manuela Parreira da Silva partilhou comigo: «Mais tarde, também anotados por Pessoa, encontrei o nome de Guilherme de Faria com a data completa de nascimento, com vista a um futuro horóscopo que tencionaria fazer-lhe.»⁴¹

Apesar das interrogações que persistem, o que mais intensamente une os dois poetas é o contexto: o Chiado, Lisboa, o meio literário e artístico que ambos partilharam. Em 1928, a fotografia do bilhete de identidade de Fernando Pessoa, então com 40 anos, fala essencialmente do poeta que Guilherme de Faria não foi: em 1928 o autor de *Saudade Minha* tinha 21 anos e estava prestes a por termo à sua vida. Se tivesse vivido mais vinte anos, talvez o seu aspecto fosse o de um homem envelhecido, com fato escuro, bigode e um olhar profundo por detrás das lentes redondas dos óculos. E ao pensar nesse Guilherme de Faria que não existiu, assola-nos os versos da «Tabacaria»: «Serei sempre o que não nasceu para isso;/ Serei sempre só o que tinha qualidades;/ Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta.»⁴²

³⁵ Estão documentados na biblioteca de Guilherme de Faria dois livros de Raul Leal: *Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit: hymne-poème sacre* [Lisboa, Portugalíia Editora, 1920] e *Sodoma Divinizada* [Lisboa, Olisipo, 1923], ambos oferecidos por Raul Leal a Guilherme de Faria.

³⁶ Um livro de Vitoriano Braga: *A Casaca Encarnada* [Lisboa, Portugalíia Editora, 1923], um dos dezasseis exemplares em papel especial, numerados e rubricados pelo autor, oferecido por Vitoriano Braga a Guilherme de Faria.

³⁷ Dois livros de Almada Negreiros: *A Invenção do Dia Claro* [Lisboa, Olisipo, 1921] e *Pierrot e Arlequim* [Lisboa, Portugalíia Editora, 1924], este último oferecido e dedicado por Almada Negreiros a Guilherme de Faria.

³⁸ Para além deste retrato de 2 de fevereiro de 1927, aparece reproduzido no *Diário de Lisboa* [27 de fevereiro de 1943] o esboço de outro retrato de Guilherme de Faria da autoria de Almada Negreiros. Joaquim Manso escreveu na sua conferência «Sonho incompleto do poeta Guilherme de Faria» [Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, 2 de Março de 1943]: «Uma tarde, aí por 1925, entrou no “atelier” de Almada Negreiros, pintor, inventor do dia claro, modernista na arte e também poeta singular, embora descautelado na arrumação métrica. Os dois conversaram – Guilherme de Faria recitou e Almada produziu verdades e paradoxos, em fogo e artifício. Entenderam-se e admiraram-se – ambos decididos a uma amizade duradoura e constante. Dessa gostosa e súbita simpatia, resultou que o pintor fez a lápis o retrato do poeta – límpido no desenho e perfeito na expressão. [...] Decorridos dez anos, Almada regressou a Lisboa com ilusões a menos e talento a mais. Perguntou: – Que é feito do poeta adolescente? – Morreu numa hora funesta, de desengano e bruma. Correu aos seus papéis, aos seus apontamentos esquecidos e, ao encontrar entre eles o retrato do desditoso, exclamou: – Cá está ele! Numa das suas relampejantes exposições, apresentou-o ao público e quantos o viram reconheceram nele a antemanhã macerada e despedaçada do autor de *Saudade Minha*» [Joaquim Manso, «Sonho incompleto do poeta Guilherme de Faria», in *O Pórtico e a Nave*, Lisboa, Ática, 1943, pp. 14-15]. Existem, entrem os documentos de Guilherme de Faria, alguns desenhos e apontamentos de Almada Negreiros.

³⁹ Cinco livros de Mário Saa na biblioteca de Guilherme de Faria: *Evangelho de S. Vito* [Lisboa, Monteiro & C.ª – Livraria Brasileira, 1917], *Poemas Heróicos de Simão Vaz de Camões* [Lisboa – Porto – Coimbra, Lumen, 1921], *Portugal Cristão-Novo* [Lisboa, Henrique Torres, 1921], *Camões no Maranhão* [Lisboa – Porto – Coimbra, Lumen, 1922] e *A Invasão dos Judeus* [Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1925]; destes cinco livros, os exemplares de *Evangelho de S. Vito* e *A Invasão dos Judeus* foram oferecidos por Mário Saa a Guilherme de Faria. Sobre os livros de Guilherme de Faria dedicados e oferecidos a Mário Saa, cf. João Rui Sousa, «Mário Saa, um poeta do Modernismo», in Mário Saa, *Poesia e alguma prosa*, Lisboa, IN-CM, 2006, p. 22.

⁴⁰ Dois livros de António Botto: *Canções* [2.ª ed., Lisboa, Olisipo, 1922], oferecido por António Botto a Guilherme de Faria, e *Curiosidades Estéticas* [Lisboa, Tipografia Libânio da Silva, 1924].

⁴¹ Manuela Parreira da Silva, correio electrónico a José Rui Teixeira, 20-07-2007. Importa, neste contexto, referir o caso Aleister Crowley [1875-1947]: no dia 2 de setembro de 1930, Crowley chega a Lisboa. Semanas depois, Fernando Pessoa aceita entrar «numa cabala em que Crowley dá largas ao seu cabotismo»: o ocultista inglês encenou o suicídio na Boca do Inferno [cf. João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1991, pp. 523-526]. Haverá alguma relação entre a encenação do suicídio de Aleister Crowley na Boca do Inferno, em 1930, e o suicídio de Guilherme de Faria no mesmo lugar, um ano antes? Terá sido Fernando Pessoa a sugerir a Crowley o local da encenação? E essa sugestão poderá ter sido inspirada pelo suicídio de Guilherme de Faria?

⁴² Álvaro de Campos, *Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002, p. 322.

Ainda em Lisboa⁴³: «Embora eu não as entenda,
Vão-me a esperança embalando
Lembranças de não sei onde,
Saudades de não sei quando...»⁴⁴ [Guilherme de Faria]

4. Sentado agora n'A Brasileira do Chiado, recordo as palavras que Artur Portela escreveu no *Diário de Lisboa*, um dia depois do suicídio de Guilherme de Faria: «Vemo-lo ainda: franzino, olhos negros, penetrantes, vivos, um grande sobretudo, com que ele se sentava, conversando entre amigos, numa voz apagada e enternecida.»⁴⁵ Confesso que os noventa anos que me separam desse tempo em que Guilherme de Faria entrava n'A Brasileira e aqui se demorava com amigos, entre poetas, não me impedem de vê-lo entrar no café, talvez fugindo de um fim de tarde cinzento como este. Consigo vê-lo... como se o visse ainda.

Quando li pela primeira vez o catálogo da biblioteca de Guilherme de Faria, em 2007, reparei fundamentalmente em quatro ausências: em mais de oitocentas referências, nenhum livro de Júlio Brandão, nem de Judith Teixeira, nem de Jaime Cortesão, nem de Mário de Sá-Carneiro.

Com efeito, Guilherme de Faria conheceu pessoalmente Jaime Cortesão⁴⁶ e, tendo em consideração a obra do autor de *Divina Voluptuosidade* [1923] e o seu contexto, seria expectável encontrar alguns dos seus livros no catálogo da biblioteca de Guilherme de Faria, tal como seria expectável encontrar *Saudades* [1893] ou *O Jardim da Morte* [1898], de Júlio Brandão.

O caso de Judith Teixeira é diferente. Encontrar a referência a um dos seus livros no catálogo da biblioteca de Guilherme de Faria justificar-se-ia em função do contexto da polémica «Literatura de Sodoma»⁴⁷: liderada por Pedro Teotónio Pereira, a Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa [movimento católico criado em 1923] consegue que o Governo Civil mande apreender e queimar [em março de 1923] os livros *Decadência* [1922], de Judith Teixeira, [a 2.ª edição de] *Canções* [1922], de António Botto, e *Sodoma Divinizada* [1923], de Raul Leal.

Os três percorreram pedregosos caminhos: Raul Leal [que nasceu em Lisboa, no dia 1 de setembro de 1886], depois de uma vida atribulada, morreu no dia 18 de agosto de 1964 e foi enterrado no Cemitério do Lumiar, numa cerimónia em que estiveram presentes onze pessoas. Em 1971, sem que houvesse alguém interessado em garantir-lhe um túmulo definitivo, os seus restos mortais perderam-se numa vala comum. Em 1954, numa carta a Mário Saa, percebem-se as dificuldades por que passou: «Bem pesada glória é essa, que tantas vezes tenho experimentado e continuo a experimentar. De facto, pela minha nunca desmentida audácia, assim como independência de espírito e carácter – virtudes incontestáveis – tenho sofrido na sombra as mais cruentas perseguições [...]. O resultado é claro: tremendas dificuldades materiais com que luto constantemente e que me põem muitas vezes à beira de perigosíssimo abismo.»⁴⁸

⁴³ N'A Brasileira do Chiado [no n.º 120 da Rua Garrett], sexta-feira, 27 de dezembro de 2013.

⁴⁴ Guilherme de Faria, *O Livro de Guilherme de Faria I. Saudade Minha [poesias escolhidas]*, Maia, Cosmorama Edições, 2013, p. 171.

⁴⁵ Artur Portela, «A morte do Guilherme de Faria foi muito sentida», *Diário de Lisboa*, 05-01-1929.

⁴⁶ Guilherme de Faria ofereceu o seu primeiro livro – *Poemas* – a Jaime Cortesão, com a dedicatória: «Ao Sr. Dr. Jaime Cortesão, poeta d'A *Morte da Águia*, oferece, com muito apreço, Guilherme de Faria» [30-04-1922]. Lê-se numa carta que Guilherme de Faria escreve a Manuel de Castro no dia 13 de agosto de 1924, a propósito da impressão de *Sombra* na Imprensa da Biblioteca Nacional: «Falei com o Sr. Jaime Cortesão e com o Sr. Raul Proença e ficou entre nós combinado pagar adiantadamente. Estou muito esperançado nesta tipografia que, ultimamente, tem feito obras admiráveis.»

⁴⁷ «Nos idos de março de 1923, o Governador Civil de Lisboa, providencialmente sobressaltado pela alta brida de uns quantos Estudantes Católicos sedentos de mão pesada contra a Literatura Dissolvente que inundava escaparates e assim corroía os Santíssimos Costumes da Pátria Lusitana (ao tempo Republicana e Laica e Democrática), açula a polícia e faz apreender, para depois cremar, exemplares das *Canções*, de António Botto, de *Sodoma Divinizada*, de Raul Leal, e de *Decadência*, duma tal Judith Teixeira – esta com direito a adjectivo personalizado: “desavergonhada”. Que se saiba, tirante uns ecos de Imprensa coisa e tal, não houve lugar para indignações – dessas de rua e bordoadas. E o caso teria ficado em águas de bacalhau [...] não fora um tal Pessoa, fernando, sair à liça de defesa de seus amigos Botto e Leal, de feição contribuindo para o que fica de registo na História destas coisas literárias. Pergunte-se: então, e da desavergonhada? – Da desavergonhada, nada.» [Vitor Silva Tavares (prefácio), in Judith Teixeira, *Poemas*, Lisboa, & etc, 1996, pp. 11-12]. Sobre este contexto, sugerimos a edição de *Sodoma Divinizada* de Raul Leal [Lisboa, Guimarães / Babel, 2010], com organização, introdução e cronologia de Aníbal Fernandes. Não se trata apenas da reprodução do texto de Raul Leal, mas de toda a contextualização histórica da polémica que o opôs – juntamente com Fernando Pessoa e António Botto – à Liga de Acção de Estudantes de Lisboa.

⁴⁸ *Apud* Aníbal Fernandes, «Cronologia, ou quase (continuação)», in Raul Leal, *Sodoma Divinizada*, p. 153.

António Botto [que nasceu em Abrantes, no dia 17 de agosto de 1897] não teve uma vida menos atribulada, nem uma morte mais digna. Tendo sido exonerado do Arquivo Geral do Registo Criminal e Policial de Lisboa⁴⁹, em 1942, partiu em 1947 para o Brasil, onde viveu com dificuldades económicas, tendo procurado por todos os meios regressar a Portugal⁵⁰. Morreu na miséria, no Rio de Janeiro, no dia 16 de março de 1959. Só em 1966 os seus restos mortais foram trasladados para Cemitério do Alto de São João, em Lisboa.

Por seu lado, Judith Teixeira [que nasceu em Viseu, no dia 25 de janeiro de 1880], depois da polémica «Literatura de Sodoma», ainda publicou dois livros de poesia – *Castelo de Sombras* [1923] e *Nua. Poemas de Bizâncio* [1926] –, editou e dirigiu a revista *Europa*⁵¹ [1925], publicou *De Mim* [conferência de 1926] e *Satânia* [novelas de 1927], onde são anunciados três novos títulos: *Labareda* [drama em três actos], *Taça de Brasas* [versos] e *Sulcos* [novela]. Nenhum deles chegou a ser publicado. Violentamente atacada por diligentes *polícias de costumes*⁵², Judith Teixeira silenciou-se até ao dia da sua morte, a 17 de maio de 1959. É um vizinho que regista o seu assento de óbito. A autora de *Decadência* «morre viúva, sem deixar filhos, sem deixar bens, sem fazer testamento.»⁵³

Guilherme de Faria guardava na sua biblioteca os exemplares de *Canções* e de *Sodoma Divinizada*, que António Botto e Raul Leal lhe ofereceram, mas nem *Decadência* nem qualquer outro livro de Judith Teixeira são mencionados nos cadernos onde Guilherme de Faria catalogou os seus livros até junho de 1927.

Trata-se de dois cadernos em quadriculado, com capa preta, datados de 1924 e 1926; Miguel de Faria [irmão do poeta] reuniu os dois cadernos numa encadernação cuidada e anotou na página 34 do segundo volume, depois da referência a *No sertão d'África* de Manuel Kopke: «É este o último livro inscrito neste catálogo. Foi comprado em junho de 1927 e, de então até janeiro de 1929, em que faleceu, Guilherme de Faria comprou muitos mais, que aqui não figuram.»

Esse último livro do catálogo corresponde à entrada n.º 861. Com efeito, à data da morte de Guilherme de Faria, de acordo com o testemunho do seu irmão, a biblioteca terá reunido mais de novecentos livros. Tendo em consideração os 861 títulos catalogados, estão inscritos nesses cadernos os nomes de mais de trezentos autores. E se a presença de um livro não prova a sua leitura, a ausência de um autor não prova o desconhecimento da sua obra.

⁴⁹ «Entre outras justificações, consta do *Diário do Governo* que não mantém "na repartição a devida compostura e aprumo, dirigindo galanteios e frases de sentido equívoco a um seu colega, denunciando tendências condenadas pela moral social"; que faz versos e os recita durante as horas regulamentares do funcionamento da repartição; que carece "da necessária idoneidade moral para o exercício das suas funções"» [Aníbal Fernandes, «Cronologia, ou quase (continuação)», p. 146].

⁵⁰ Curiosamente, numa carta de 30 de outubro de 1951, enviada do Rio de Janeiro a António Leite de Faria [irmão de Guilherme de Faria e influente diplomata] António Botto pede ajuda para regressar a Portugal, evocando a amizade que o unia a Guilherme de Faria.

⁵¹ Magazine mensal de que se conhecem três números [abril, maio e junho].

⁵² Veja-se, por exemplo, o texto de Marcello de Caetano [então com quase vinte anos] na *Ordem Nova* [«Revista anti-moderna, anti-liberal, anti-democrática, anti-bolchevista e anti-burguesa. Conta-revolucionária; reaccionária; católica; apostólica e romana; monárquica; intolerante e intransigente; insolidária com escritores, jornalistas e quaisquer profissionais das letras, das artes e da imprensa»]: «Arte sem moral nenhuma», in *Ordem Nova*, Ano 1.º, junho-julho de 1926, n.º 4-5, pp. 156-158.

⁵³ Maria Jorge, «Scriptorium», in Judith Teixeira, *Poemas*, p. 252.

No regresso a casa⁵⁴: «Passeamo-nos à sombra de árvores mitológicas
silenciosos e vagos pensando
como de lugar nenhum onde estivemos
alguma vez regressámos.»⁵⁵ [José Tolentino Mendonça]

5. Talvez as ausências de Jaime Cortesão e de Júlio Brandão sejam mais improváveis, mas confesso que é a de Mário de Sá-Carneiro que me causa maior apreensão.

É verdade que Guilherme de Faria só chega a Lisboa no outono de 1919, três anos após o suicídio do autor de *Céu em Fogo*. Seja como for, o facto de não se terem conhecido pessoalmente é irrelevante, basta termos em consideração o diálogo íntimo [existencial e literário] que Guilherme de Faria estabelece com Antero de Quental ou António Nobre, que morreram antes do autor de *Saudade Minha* ter nascido.

Também é verdade que o contacto que Guilherme de Faria manteve com Raul Leal, Vitoriano Braga, Almada Negreiros, Mário Saa ou António Botto tornasse expectável uma referência a Sá-Carneiro no catálogo da biblioteca, numa carta, num qualquer apontamento manuscrito.

O facto de as tiragens dos livros de Mário Sá-Carneiro serem pequenas [da *Dispersão*, por exemplo, no final de 1913, imprimiram-se apenas 250 exemplares], faz com que, passados dez anos, os seus livros fossem já muito raros. Ou seja: na década de 20 do século passado, nem o enorme apetite de Guilherme de Faria por livros poderia ter sido suficiente para conseguir os livros de um Mário de Sá-Carneiro, cuja memória [fora do círculo restrito dos seus amigos mais íntimos] deve tanto a Fernando Pessoa, logo nesse texto notável, publicado na revista *Athena*, onde se lê «Génio na arte, não teve Sá-Carneiro nem alegria nem felicidade nesta vida. Só a arte, que fez ou que sentiu, por instantes o turbou de consolação. São assim os que os deuses fadaram seus. Nem o amor os quer, nem a esperança os busca, nem a glória os acolhe. Ou morrem jovens, ou a si mesmos sobrevivem, íncolas de incompreensão ou da indiferença. Este morreu jovem, porque os Deuses lhe tiveram muito amor. [...] Nada nasce de grande que não nasça maldito, nem cresce de nobre que não se defínhe, crescendo. Se assim é, assim seja! Os Deuses o quiseram assim.»⁵⁶

E quando leio este texto, ou aquele outro que Fernando Pessoa dedicou a António Nobre n'A *Galera*⁵⁷ [em 1915], não consigo deixar de pensar em Guilherme de Faria. Nobre morreu com 32 anos, Sá-Carneiro com 25, Guilherme de Faria com 21, porque *morrem jovens os que os Deuses amam*.

⁵⁴ Sexta-feira, 27 de dezembro de 2013.

⁵⁵ José Tolentino Mendonça, *Longe não sabia*, p. 27.

⁵⁶ Fernando Pessoa, «Mário de Sá-Carneiro (1890-1916)», in *Athena*, Vol. I, novembro de 1924, n.º 2, pp. 41-42. Nas páginas seguintes, «Os últimos poemas de Mário de Sá-Carneiro» [pp. 43-46].

⁵⁷ Fernando Pessoa, «Para memória de António Nobre», p. 35.

Em casa⁵⁸: «Falemos de casas, da morte. Casas são rosas
para cheirar muito cedo, ou à noite, quando a esperança
nos abandona para sempre.»⁵⁹ [Herberto Helder]

6. É evidente que Guilherme de Faria tem mais afinidades com António Nobre do que com Mário de Sá-Carneiro, não por que as afinidades com Sá-Carneiro sejam poucas; porém, a relação que Guilherme de Faria estabelece com António Nobre é de tal modo intensa, que é [na minha opinião] um fenómeno de identificação idiossincrática e literária incomparável na cultura portuguesa⁶⁰, e que está muito para além de um exercício [consciente ou inconsciente] de mimese.

É curioso que, tendo relido recentemente as cartas que António Nobre enviou de Paris a Alberto d'Oliveira⁶¹, surpreendeu-me a perturbadora similitude com as cartas que Guilherme de Faria [trinta anos depois] escreveu a Manuel de Castro. E se a leitura que Guilherme de Faria fez da poesia de António Nobre⁶² é determinante para a compreensão da sua vida e obra⁶³, a questão das similitudes entre os epistolários não é menos impressionante, até porque Guilherme de Faria não leu as cartas de António Nobre⁶⁴.

Guilherme de Faria, sem ter conhecido Paris, herda de António Nobre essa «Lusitânia no Bairro Latino»:

«..... Só!

Ai do Lusíada, coitado.
Que vem de tão longe, coberto de pó,
Que não ama, nem é amado,
Lúgubre Outono, no mês de Abril!
Que triste foi o seu Fado!»⁶⁵

Herda a saudade da paisagem idílica que Nobre constrói à distância, no Quartier Latin, por essas ruas onde, desesperado, «andou em soluços e falando alto»⁶⁶ [como se lê numa carta a Alberto d'Oliveira], com a consciência de que não tem «já ninguém no mundo»⁶⁷ e com vontade de regressar a Portugal: «Apetece-me ir embora. Paris é horrível»⁶⁸. António Nobre, incapaz de se integrar, queixa-se a Manuel da Silva Gaio desse «banal Paris, embarrento de civilização»⁶⁹. Lê-se numa outra carta, enviada a José de Castro: «Amei Paris como nunca o amara. Vi arte nova, fiz anarquismo platónico [...], quis iludir-me a mim próprio [...]. Cansei-me, desgostei-me e recolhi de novo ao meu claustro»⁷⁰.

⁵⁸ Terça-feira, 31 de dezembro de 2013.

⁵⁹ Herberto Helder, *Ou o poema contínuo*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004, p. 11.

⁶⁰ Identificação que possibilita o verso de *Mais Poemas*: «Oh meu pálido Irmão, tão pálido e tão doce!» [Guilherme de Faria, *Mais Poemas*, Lisboa (Imprensa de Manoel Lucas Torres), 1922, p. 22].

⁶¹ Cf. Fernando Carmino Marques [introdução e notas], *António Nobre em Paris, Só – Correspondência*, Porto, Edições Caixotim, 2005.

⁶² Guilherme de Faria guardava na sua biblioteca a 4.ª edição do *Só* [1921], assim como os exemplares de *Despedidas* [1902] e *Primeiros Versos* [1921].

⁶³ Cf. José Rui Teixeira, *Vida e Obra de Guilherme de Faria. Os versos de luz por escrever*, pp. 59-62 e 180-186.

⁶⁴ Publicadas por Guilherme de Castilho em 1967: António Nobre, *Correspondência*, Lisboa, Portugalíia Editora, 1967.

⁶⁵ António Nobre, *Só*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 55

⁶⁶ *Apud* Fernando Carmino Marques, «Introdução», in *António Nobre em Paris, Só*, p. 14.

⁶⁷ *Id.*, *ibid.*, p. 12 [carta de 29-03-1891].

⁶⁸ *Id.*, *ibid.* [carta de 10-12-1891].

⁶⁹ *Id.*, *ibid.*, p. 16 [carta de 01-10-1892].

⁷⁰ *Id.*, *ibid.*, p. 17 [carta de fevereiro de 1894].

A afirmação da identidade e da independência cultural portuguesa dependia, então, de todo o tipo de expressões de exaltação patriótica, fosse contra Inglaterra [mesmo antes do Ultimato⁷¹], fosse contra a França. É de Fernando Pessoa este desabafo: «Que diabo de independência nacional tem um desgraçado país que é internacionalmente um feudo da Inglaterra, que é nacionalmente um feudo do antiportuguês Afonso Costa... Um Portugal onde internacionalmente só se pode ser inglês; onde nacionalmente só se pode ser francês...?»⁷²

A exaltação patriótica estava institucionalizada em Portugal, particularmente desde a comemoração do terceiro centenário da morte de Camões, em 1880, que tivera [nas palavras de Fialho de Almeida] o triste condão «de despertar na província o instinto de paródia, e não haver agora o propósito ridículo em honra do qual não saiam à rua, de estandarte ao vento, as filarmónicas, os gaiatos de asilo e uma ou outra associação de sapateiros.»⁷³

Guilherme de Faria herda este contexto de *reaportuguesamento* de Portugal, entre Alberto d'Oliveira e Afonso Lopes Vieira, em diálogo com as principais figuras do Integralismo Lusitano, que se esforçavam por se libertar do espectro da influência da *Action Française* de Charles Maurras⁷⁴.

Encontramos o sentimento antifrancês de Guilherme de Faria explícito numa carta-poema que escreve em 1926 a um amigo que se presume em França:

«Caro Jorge— eu não entendo
Nem me parece correcto,
O esquecimento completo
Que te venho merecendo.

E assim, penso, por teu mal,
Que, de encantado com França,
Já nem guardas na lembrança
Saudades de Portugal!

Ah, pobre Jorge! Se assim
Foi mesquinha a tua sorte,
Não mais te lumbres de mim...
Pois só mereces a morte
E as mais cruéis maldições,
Se esqueceste Portugal
Pela pátria dos mações
D'onde nos vem todo o mal!
Atenta nisto que digo
Só por amor da verdade,
E sabe ser Português:
Que essa França é um vil perigo,
E se é grande, é na maldade,
E em mentira e estupidez.

Ouve-me, pois, Jorge; e crê
Que és feliz vivendo assim,

⁷¹ Importa lembrar que desde a década de 1830, pelo menos, que os conflitos com Inglaterra por motivos das colónias eram pretexto para afirmações de patriotismo. Havia, aliás, uma espécie de tradição anti-inglesa, alimentada por ressentimentos históricos.

⁷² Apud José Adelino Maltez, *Tradição e Revolução— Uma biografia do Portugal Político do século XIX ao XX* [vol. II], Lisboa, Tribuna da História, 2005, p. 230.

⁷³ Fialho de Almeida, *Pasquinadas*, Porto, 1904, p. 216.

⁷⁴ Veja-se a argumentação de Hipólito Raposo em *Dois Nacionalismos: l'Action Française e o Integralismo Lusitano* [Lisboa, Livraria Ferin, 1929].

Embora entre gente ruim;
E, depois de tudo, vê
Se te não lembrás de mim!»⁷⁵

Mas este sentimento antifrancês de Guilherme de Faria deve menos a António Nobre do que às influências dos seus correligionários do Neogarrettismo e do Integralismo Lusitano. Com efeito, «esse banal Paris, embirrento de civilização», é para Guilherme de Faria a cidade, a *grande cidade*, a sua cidade – Lisboa [como se lê numa carta de 1924, escrita a Manuel de Castro]: «Esta vida em Lisboa, tão estreita, tão mesquinha, enfastia-me cada vez mais. A impressão que tive, quando voltei daí, ao entrar na “Babilónia portuguesa”, foi das mais dolorosas de toda a minha vida. A mesquinhez, a grosseria, a fealdade, o ridículo de todo este “progresso”, de toda esta “civilização” – indignaram-me e magoaram-me de tal modo que, enquanto dirigia meus passos para o carinhoso e acolhedor lar familiar, ia pensando romanticamente num suicídio, desejando-o com toda a alma, pedindo ao Senhor Deus que precipitasse a minha pobre alma de pecador nos abismos mais profundos, libertando-a assim – e finalmente! – da tristeza desta vida e da... hediondez desta cidade!»⁷⁶

Nesta carta [como em tantas outras] escutamos os ecos de uma carta de dezembro de 1891 [que Guilherme de Faria não leu], em que António Nobre confessa a Alberto d'Oliveira: «Tenho-me deitado, ultimamente, com a deliciosa ideia de não acordar mais. Quem me dera, Alberto! Ai se tu calculasses o que eu sofro!»⁷⁷ Ou, uns dias antes, numa outra carta: «sinto um infinito desânimo da vida e sinto-me só, só, só!»⁷⁸

Não é a repulsa por França que Guilherme de Faria herda de António Nobre, nem concretamente a repulsa pela *grande cidade*, seja ela Paris ou Lisboa. O que Guilherme de Faria herda de António Nobre é a incapacidade de se integrar, é a projecção ideal de uma felicidade que está sempre à distância. O que verdadeiramente Guilherme de Faria herda de António Nobre [e com ele partilha] é a saudade, esse sentimento que, nas palavras de António José Saraiva, se caracteriza «pela sua duplicidade contraditória: é uma dor da ausência e um comprazimento da presença, pela memória. É um estar em dois tempos e dois sítios ao mesmo tempo, que também pode ser interpretado como uma recusa a escolher: é um não querer assumir plenamente o presente e não querer reconhecer o passado como pretérito.»⁷⁹

E esse desajuste de natureza ontológica e existencial, esta perturbadora incompatibilidade entre o *eu-real* e o *eu-ideal*, é partilhado pelos três poetas. António Nobre e Guilherme de Faria poderiam assinar os conhecidos versos de Mário de Sá-Carneiro: «Eu não sou eu nem sou o outro,/ Sou qualquer coisa de intermédio:/ Pilar da ponte de tédio/ Que vai de mim para o Outro.»⁸⁰ Em «Saudade», Guilherme de Faria escreve: «eu não sou eu, sou a lembrança/ Dum outro que não fui, mas sonhei ser»⁸¹.

⁷⁵ Guilherme de Faria, poema inédito [em manuscrito autógrafa], 27-10-1926.

⁷⁶ *Id.*, carta a Manuel de Castro, 10-08-1924.

⁷⁷ *Apud* Fernando Carmino Marques, «Introdução», in *António Nobre em Paris, Só*, p. 13 [carta de 25-12-1891].

⁷⁸ *Id.*, *ibid.* [carta de 10-12-1891].

⁷⁹ António José Saraiva, *A cultura em Portugal: Teoria e História* [vol. I], Lisboa, Gradiva, 1996, p. 84.

⁸⁰ Mário de Sá-Carneiro, *Poemas Completos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1996, p. 80.

⁸¹ Guilherme de Faria, *O Livro de Guilherme de Faria I. Saudade Minha [poesias escolhidas]*, Maia, Cosmorama Edições, 2013, p. 61.

Em casa⁸²: «Ouço sempre o mesmo ruído de morte que devagar rói e persiste...»⁸³ [Raul Brandão]

7. Ao ler *Mistério*, novela escrita por Mário de Sá-Carneiro em Lisboa, em agosto de 1913 [integrada em *Céu em Fogo*, de 1915], reencontramos o autor do *Só* [a quem a tuberculose roubou o epíteto de *suicida* no dia 18 de março de 1900] e o autor de *Desencanto*, que há 85 anos [no dia 4 de janeiro de 1929] se precipitou no mar, na Boca do Inferno [em Cascais]; e apercebemo-nos da iminência do que aconteceria no dia 26 de abril de 1916, no Hotel de Nice [em Paris]: «Muitas vezes o artista, para remédio da sua angústia, pensava no suicídio. E então dilacerava-o uma ternura infinita, uma piedade ilimitada por si próprio. Pois havia de se destruir, ele?... Sim, era essa talvez a salvação... [...] É que, mesmo não se suicidando, havia de morrer mais tarde. *Ainda se, ao menos, o não suicidar-se lhe evitasse a morte...*»⁸⁴

Os retractos dos três poetas adquirem, adiante, notável precisão: «Ele, ao amor, exigia que fosse amor. E o amor não existe. [...] No fundo queria muito à vida. [...] Simplesmente amava uma vida despida de tudo quanto nela o nauseava. Ora o que o nauseava era precisamente a vida de todos e de todos os dias... Não, estava decidido, não fora feito para a felicidade. O remédio era outro: renunciar, vivendo, ou vencer, morrendo.»⁸⁵

Não se trata apenas de personalidades narcísicas, propensas ao egotismo e que tendem a deformar a realidade que habitam; mas de uma disforia que se vai instalando e que permite perguntar se não são as *peessoas comuns* [não me preocupa o sentido depreciativo da expressão] que habitam alienadamente uma realidade deformada... e se não são poetas como estes que restituem à realidade a sua verdade íntima e profunda, mesmo que doa assumi-la, mesmo que assumi-la perturbe o sono tranquilo dos *simples*. Ocorrem-me as palavras de Baudelaire:

«Enfim! só! já nada se ouve senão o rolar de algumas carruagens retardadas e estafadas. Durante uma hora pertence-nos o silêncio, senão o descanso. Enfim! a tirania da face humana desapareceu, e não sofrerei senão por mim próprio.

Enfim! é-me permitido repousar num banho de trevas! Antes de mais nada, duas voltas à fechadura. Parece-me que este girar de chave vai aumentar a minha solidão e reforçar as barricadas que me separam actualmente do mundo. [...]

Descontente com todos e descontente comigo, bem quisera resgatar-me e insuflar-me um pouco de orgulho no silêncio e na solidão da noite. Almas daqueles que amei, almas daqueles que cantei, confortai-me e amparai-me, tirai, tirai de junto de mim a mentira e os vapores infectos do mundo; e vós, Senhor meu Deus! concedei-me a graça de produzir alguns belos versos que me provem a mim mesmo que não sou o último dos homens, que não sou inferior àqueles que desprezo.»⁸⁶

Com efeito, o pessimismo que obscurece a vida e a obra destes poetas é a consequência de um desengano que sucede às ilusões, um desengano que desmascara as ninharias, as insignificâncias com que se tece essa «vida de todos e de todos os dias». Naturalmente, esse desengano tem um preço: torna as ninharias e as insignificâncias menos aceitáveis, torna a vida [essa «vida de todos e de todos os dias»] progressivamente menos tolerável.

⁸² Terça-feira, 31 de dezembro de 2013.

⁸³ Raul Brandão, *Húmus*, Porto, Edição da «Renascença Portuguesa», 1917, p. 9.

⁸⁴ Mário de Sá-Carneiro, *Céu em Fogo*, Lisboa, Edições ática, s/d, pp. 132-133.

⁸⁵ *Id.*, *ibid.*, pp. 135-136.

⁸⁶ Charles Baudelaire, *O Spleen de Paris*, pp. 30-31

Em 1916 [ano em que Mário de Sá-Carneiro põe fim à sua vida], na Foz do Douro [tão perto da casa onde morreu António Nobre], Raul Brandão termina o seu impressionante *Húmus*, onde se lê: «Remoem hoje, amanhã, sempre, as mesmas palavras vulgares, para não pronunciarem as palavras definitivas. [...] dentro de cada ser, como dentro das casas de granito salitroso, as paixões tecem na escuridão e no silêncio, teias de escuridão e de silêncio. Quero resistir, afundo-me. [...] Reduzimos a vida a esta insignificância. Construimos ao lado outra vida falsa, que acabou por nos dominar. Toda a gente fala no céu, mas quantos passaram no mundo sem ter olhado o céu na sua profunda, na sua temerosa realidade? [...] Está ali a morte—está aqui a vida—está aqui o espanto—e só a ninharia consegue deitar raízes profundas.»⁸⁷

E regresso ao *Mistério* de Mário de Sá-Carneiro, como se estes textos dialogassem à distância, ensimesmados, talvez não se lendo reciprocamente ou subestimando esse diálogo que se tece na escuridão e no silêncio e não se reconhece tecido: «Ao fim duma convivência de muitos anos, duma convivência quotidiana, jamais toldada, se os velhos esposos se olharem bem, se se descerem bem, encontrar-se-ão – ai, fatalmente se encontrarão – dois estranhos separados por mil ninharias: mil pequenas mentiras, mil deslealdades insignificantes. As suas almas nunca se souberam – mesmo que, sinceramente, eles tenham acreditado na sua amizade e no seu amor. ... É que a amizade, na vida-normal, não passa duma ideia falsa, dum reconceito a que a pouco e pouco nos fomos adaptando. E o amor... Ora, uns laivos de literatura barata e de espasmos húmidos com que excitámos a convenção e a ungimos de pacotilha...»⁸⁸

Tal como Antero, Mário de Sá-Carneiro e Guilherme de Faria converteram-se, cada um a seu modo, no sujeito de um suicídio de olhos abertos⁸⁹. Diferente, mas não menos dramático foi o *suicídio* simbólico de António Nobre, no seu *Só*, que é um daqueles livros muito raros que não se podem reescrever, pois foram eles que nos fizeram, «tal como a nós mesmos continuamos a sonhar-nos.»⁹⁰

Em *O Mito de Sísifo*, Albert Camus afirma que «só há um problema filosófico verdadeiramente sério: é o suicídio.»⁹¹ Com efeito, Dietrich Bonhoeffer considera o suicídio «a última e extrema autojustificação do homem como homem.»⁹² Para o teólogo alemão, «a verdadeira causa do suicídio não é o desespero, em que quase sempre se realiza este acto, mas a liberdade do homem também a braços com o desespero de se autojustificar do modo mais elevado. Se o homem não consegue justificar-se mediante a felicidade e o êxito, pode ao menos fazê-lo no seu desespero.»⁹³

No dia 31 de março de 1916, Mário de Sá-Carneiro escreve a Fernando Pessoa, de certo modo justificando o seu suicídio. Trata-se de uma carta desconcertante, uma daquelas *cartas de despedida* que se tece na escuridão e no silêncio, mas não no desespero a que sucumbem as *peçoas comuns*. Aqui se guarda algo que ninguém sabe ao certo:

⁸⁷ Raul Brandão, *Húmus*, pp. 19-21.

⁸⁸ Mário de Sá-Carneiro, *Céu em Fogo*, pp. 136-137.

⁸⁹ Expressão de Nuno Júdice [cf. *O Processo Poético*, Lisboa, IN-CM, 1992, p. 53].

⁹⁰ Expressão de Eduardo Lourenço, a propósito de *Os Lusíadas* [cf. *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1999, p. 154].

⁹¹ Albert Camus, *O Mito de Sísifo*, Lisboa, Livros do Brasil, 2005, p. 15.

⁹² Dietrich Bonhoeffer, *Ética*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2006, p. 166.

⁹³ *Id.*, *ibid.*

«Meu querido Amigo,

A menos de um milagre [...], o seu Mário de Sá-Carneiro tomará uma forte dose de estricnina e desaparecerá deste mundo.

É assim tal e qual – mas custa-me tanto a escrever esta carta pelo ridículo que sempre encontrei nas “cartas de despedida”...

Não vale a pena lastimar-me, meu querido Fernando: afinal tenho o que quero: o que tanto sempre quis – e eu, em verdade, já não fazia nada por aqui... Já dera o que tinha a dar.

Eu não me mato por coisa nenhuma: eu mato-me porque me coloquei pelas circunstâncias – ou melhor: fui colocado por elas, numa áurea temeridade – numa situação para a qual, a meus olhos, não há outra saída. Antes assim. É a única maneira de fazer o que *devo* fazer.

Vivo há 15 dias uma vida como sempre sonhei: tive tudo durante eles: realizada a parte sexual, enfim, da minha Obra – vivido o histerismo do seu ópio, as luvas zebradas, os mosqueiros roxos da sua Ilusão.

Podia ser feliz mais tempo, tudo me corre, psicologicamente, às maravilhas: *mas não tenho dinheiro*. [...]

Pelo mesmo correio (ou amanhã) registadamente enviarei o meu caderno de versos que você guardará e *de que você pode dispor para todos os fins* como se fosse seu. Pode fazer publicar os versos em volume, em revistas, etc.

Deve juntar aquela quadra: “Quando eu morrer batam em latas”, etc.

Perdoe-me não lhe dizer mais nada: mas não só me falta o tempo e a cabeça como acho belo levar comigo alguma coisa que ninguém sabe *ao certo*, senão eu. Não me perdi por ninguém: perdi-me por mim, mas fiel aos meus versos:

Atapetemos a vida
Contra nós e contra o mundo...

Atapetei-a sobretudo contra mim – mas que me importa se eram tão densos os tapetes, tão roxos, tão de luxo e festa... [...]

Todo o meu afecto e a minha gratidão por você, meu querido Fernando Pessoa, num longo, num interminável abraço de Alma.

o seu, seu
Mário de Sá-Carneiro»⁹⁴

Como escreveu Bonhoeffer, «o sentimento espontâneo de horror que se apossa de nós frente à realidade do suicídio não depende do carácter reprovável de semelhante acto, mas da sua tremenda solidão e liberdade.»⁹⁵ Assim, Mário de Sá-Carneiro suicida-se em Paris, num quarto do Hotel de Nice, no dia 26 de abril, com apenas 25 anos. Foi enterrado no Cemitério de Pantin, no dia 29 de abril. Em 1949 os seus ossos foram dispersos na vala comum do cemitério.

⁹⁴ Mário de Sá-Carneiro, *Correspondência com Fernando Pessoa* [vol. II], edição de Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Relógio d'Água, 2003, pp. 170-172.
⁹⁵ Dietrich Bonhoeffer, *Ética*, pp. 166-167.

Passados quase treze anos do suicídio de Sá-Carneiro, em Lisboa, no dia 4 de janeiro de 1929, Guilherme de Faria sai de sua casa [na Rua da Horta Seca], passa junto ao Largo de Camões, desce a Rua do Alecrim e apanha o comboio para Cascais na Estação Ferroviária do Cais do Sodré. Escreve dois bilhetes-postais que envia ao irmão José. Com uma caligrafia claramente alterada, dá indicações sobre a edição de *Desencanto* e da antologia *Saudade Minha (poesias escolhidas)*. No fundo do segundo bilhete-postal, as últimas palavras do poeta: «Peça desculpa à mãe e ao pai do meu merecido fim. Adeus, irmão amicíssimo. Tenha juízo.»⁹⁶

Coloca os bilhetes-postais no correio e segue, junto ao mar, até à Cidadela e, depois, pela Estrada da Boca do Inferno. Foi um caminho sem retorno. Com apenas 21 anos de idade, Guilherme de Faria precipita-se no mar. As fragas, a água fria e a violência das vagas reclamaram o seu corpo.

Tendo recebido os bilhetes-postais com o carimbo de Cascais, o irmão inicia as buscas, desde a Boca do Inferno, pela volta da Guia, até à Praia do Peixe, onde foi encontrado o corpo de Guilherme de Faria. O funeral realizou-se no domingo 6 de janeiro, tendo saído da Estação do Cais do Sodré, para o Cemitério dos Prazeres.

Ainda em casa⁹⁷: «Imposible el amor cuando el porvenir ha caído al suelo, y la enfermedad de vivir arrecia como una lluvia helada y triste.»⁹⁸ [José Antonio Ramos Sucre]

8. É curioso que, tanto Mário de Sá-Carneiro como Guilherme de Faria tenham o seu «Fim», formulado poeticamente. Mário de Sá-Carneiro escreveu:

«— Quando eu morrer batam em latas,
Rompam aos saltos e aos pinotes —
Façam estalar no ar chicotes,
Chamem palhaços e acrobatas.

Que o meu caixão vá sobre um burro
Ajazado à andaluza:
A um morto nada se recusa,
E eu quero por força ir de burro...»⁹⁹

O «Fim» de Guilherme de Faria é bem menos excêntrico do que o de Sá-Carneiro. Como um pressentimento, trata-se da expressão poética de uma vida que se situa conscientemente diante da morte. Em 1927 [ano em que escreve este poema], o suicídio de Guilherme de Faria é um acontecimento iminente; na verdade, o seu suicídio é um acontecimento iminente pelo menos desde meados de 1924, o que torna a sua vida e a sua obra ainda mais impressionantes.

Neste poema, Guilherme de Faria pacifica-se na desesperança e desposa a Saudade, certo de que ela há-de escutá-lo, entendê-lo e embalá-lo na morte:

⁹⁶ Guilherme de Faria, bilhetes-postais a José Leite de Faria, 04-01-1929.

⁹⁷ Sexta-feira, 3 de janeiro de 2014.

⁹⁸ José Antonio Ramos Sucre, *Antología poética*, Caracas, Monte Ávila Editores, 1998, p. 31.

⁹⁹ Mário de Sá-Carneiro, *Poemas Completos*, p. 142

«Alma, enfim descansa
Na desesperança.

Alma, esquece e passa:
Dorme, enfim segura
Dessa última graça
Que é toda a ventura.

E à Saudade em flor
Que o teu sonho lindo
Perfumou de amor,
Diz-lhe adeus, sorrindo...
Que Ela há-de escutar-te,
Pálida, a entender-te!
E, no espanto enorme,
Sonhando envolver-te,
Triste, há-de embalar-te
—“Dorme... dorme... dorme...” —
Como a adormecer-te.»

António Nobre, no 13.^o soneto [Coimbra, 1889] do seu *Só*, escrevera: «Choremos, abracemo-nos, unidos!/
Que fazer? Porque não nos suicidamos?»¹⁰⁰ Versos desse poeta que deixou manuscrito nos seus *Alicerces* esse extraordinário «Quando eu morrer»:

«E depois uma pomba, um Anjo ebúrneo e triste,
Virá buscar-me, enfim,
Para levar a minha alma (se é que a alma existe),
À Torre de Marfim...»¹⁰¹

CONCLUSÃO

Termino esta reflexão com a memória da manhã de 21 de junho de 2013, quando conheci a casa onde nasceu o poeta José Antonio Ramos Sucre, em Cumaná [Venezuela], no dia 9 de junho de 1890 [Mário de Sá-Carneiro não tinha ainda um mês]. No dia 1 de dezembro de 1929 [Guilherme de Faria suicidara-se em janeiro desse mesmo ano], Ramos Sucre viaja para a Europa, pouco depois de ter sido nomeado cônsul em Genebra [Suíça]. Em 1930, no dia 13 de junho [quatro dias após o seu 40.^o aniversário], Ramos Sucre põe fim à sua vida. Nesse mesmo dia, em Lisboa, Fernando Pessoa celebra o seu 42.^o aniversário.

Leio o último poema do poeta venezuelano [«Omega»], de *El cielo de esmalte* [1929], como um epitáfio solene e poético para António Nobre, Mário de Sá-Carneiro e Guilherme de Faria:

¹⁰⁰ António Nobre, *Só*, p. 183

¹⁰¹ *Id.*, *Alicerces* [seguido de *Livro de Apontamentos*], Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983, p. 72.

«Cuando la muerte acuda finalmente a mi ruego y sus avisos me hayan habilitado para el viaje solitario, yo invocaré un ser primaveral, con el fin de solicitar la asistencia de la armonía de origen supremo, y un solaz infinito reposará mi semblante.

Mis reliquias, ocultas en el seno de la oscuridad y animadas de una vida informe, responderán desde su destierro al magnetismo de una voz inquieta, proferida en un litoral desnudo.

El recuerdo elocuente, a semejanza de una luna exigua sobre la vista de un ave sonámbula, estorbará mi sueño impersonal hasta la hora de sumirse, con mi nombre, en el olvido solemne.»¹⁰²

¹⁰² José Antonio Ramos Sucre, *Antología poética*, p. 258.